



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação
e Geotecnologias

IV Congresso Internacional de Educação
e Geotecnologias

IX Encontro de Pesquisadores da Rádio

27 e 28 de Julho de 2023



UM OLHAR POR FLORESCER: DESAFIOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ARTE-EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Renato Marcelo Reis¹
Josemeire Machado Dias²

Área Temática - Universidade pública: práticas educativas e formação docente na contemporaneidade

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este artigo tem o objetivo de promover uma reflexão sobre possibilidades de práticas educativas no campo da Arte-Educação a partir do descondicionamento do Olhar dos estudantes como maneira de potencializar sua condição de sujeito e promover um maior florescimento de suas subjetividades a partir de atividades visuais, alicerçado no Olhar. No contexto da Educação na contemporaneidade, as práticas educativas, no campo da Arte-Educação, devem promover o quanto possível, a condição infinita do sujeito-estudante, devem considerar, também, o Lugar como condição primordial para desenvolvimento das unidades de sentidos dos estudantes. Acredita-se que deste modo as práticas educativas vão falar e reverberar mais sobre as domesticidades dos alunos do que das propostas curriculares pré-definidas que apresentam outros contextos artísticos poucos frutíferos em determinados contextos socioeducativos. Nesta conjuntura, será apresentada uma sugestão de compreensão da Fotografia como metodologia de trabalho, tendo como signifiante seu caráter subjetivo e, através desta iniciativa, pensar práticas inovadoras baseadas no cotidiano dos alunos e de seu mundo-vivido. A utilização da fotografia é largamente reconhecida por qualquer pessoa no contexto da contemporaneidade, seja no espaço escolar, seja em sua comunidade fora do muro das escolas, porém a produção de sentidos a partir do florescimento do Olhar deste aluno usuário, através da utilização desta fotografia, transforma uma atividade curricular numa atividade que parece envolver maiores complexidades, o que não é. Um olhar por florescer: desafios nas práticas educativas em arte-educação na contemporaneidade, é uma comunicação que propõe pensar um currículo possível e acessível a qualquer educador de Arte-Educação que deseje promover o Pensamento, a Imaginação, o Olhar e a Criatividade e, deste modo, originar uma educação mais humanizada e consignada com a expressão signifiante de seus sujeitos iluminados e florescidos.

Palavras-chave: Arte-Educação. Práticas educativas. Fotografia.

¹Fotógrafo, Jornalista DRT 5300, Mestre em Gestão e Tecnologia para a Educação pela Universidade do Estado da Bahia – Gestec – UNEB, integrante do Grupo de pesquisa *Umanità*, Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade (PPGeduc/UNEB). E-mail: renatomarcelo@gmail.com

²Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: josemeiredias@gmail.com

Introdução

Como pensar uma Educação na Contemporaneidade a partir de um currículo para a Arte-Educação, quando lidamos com desafios cotidianos deste *espaço-tempo* histórico-social, que é delineado com força maior por questões que buscam destacar a subjetividade dos sujeitos em meio à questão ainda tão basilar, como para sua sobrevivência diária? Uma Contemporaneidade que, como explicitado por Lima Junior (2015), é compreendida como um:

“Estado de crise societária” e como uma condição de pós-modernidade, que se autogesta da ‘incompletude da modernidade’; portanto, que se refere a ‘uma crise permanente dessa sociedade moderna’; que se funda como ‘processo’, cuja temporalidade e historicidades se constituem da ‘totalidade das relações’ desses processos, sendo também interna e inerente ao dinamismo das relações do processo; ou seja, trata-se de um tempo real subjetivo. (LIMA JUNIOR, 2015, p.17)

O mal-estar causado por essa *crise societária* pela qual a contemporaneidade é atravessada reverbera por toda esfera da sociedade, principalmente, nas escolas. Os noticiários dão conta da dimensão desta *crise*, os muros das escolas não dão conta de se interrelacionar com a sociedade, por um lado, e por outro, não protegem quem está dentro. O desafio de pensar, não tão somente a Escola de hoje, como já sendo a escola do futuro, se tornou um dos maiores desafios da educação na contemporaneidade. Enquanto algumas propostas curriculares replicam como um método, a produção de conhecimentos, em outras, pode-se ter a saída ou, ao menos, um alento para tamanho esgotamento de um rico e importante sistema de educação.

Considerando a exposição anterior, a reflexão deva perpassar pela busca um maior comprometimento por parte dos professores, por via das infinitas experiências da alteridade absoluta dos alunos por meio do paradigma da interpelação ética a qual o professor, “aceita” pensar em conjunto com o Outro. A ética e a subjetividade manifestam-se pelo resplandecer do rosto do Outro, cujo Olhar coloca em total questionamento sua subjetividade por meio do clamor. Pensar experiências artísticas no campo das Artes Visuais, para as disciplinas de Artes, pode exigir dos docentes de Artes a necessidade de transcender as propostas curriculares habituais, considerando o dinamismo das relações no processo da construção de conhecimento que se dá pelas descobertas das habilidades artísticas de seu grupo escolar, ou a partir de suas individualidades, uma vez que na contemporaneidade, a produção de sentidos artísticos se dá pela valorização do tempo real e subjetivo de cada sujeito (LIMA JUNIOR, 2015). Ainda neste construto, o processo de produção de sentidos pode ser potencializado, pela valorização dos aspectos ontológicos do estudante, através do ressaltar de suas experiências vivenciadas em seu

local comunitário doméstico. Dewey (2010), propõe uma experiência ou transformação desta vivência em processos de geração de sentidos, desenvolvidos a partir de suas vitalidades comuns à sua relação escola-casa:

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpretação completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos (DEWEY, 2010 p.83).

Uma das razões pela qual abrimos uma janela de possibilidade de transformação e potencialização da subjetividade do sujeito, pertencente a uma sala de aula conduzida por um currículo voltado para as Artes Visuais, dentro da disciplina de Arte, se firma pela possibilidade dada como certa de que o processo de Olhar pode florescer do sujeito. Isso pela razão de que o Olhar, o da Alma, ser tão ativo, e por isso Bosi, acredita no Olhar como unidade de consignação sujeito-corpo-movimento e por não dizer, Alma, para ele:

Uma teoria completa do olhar (sua origem, sua atividade, seus limites, sua dialética) poderá coincidir com uma teoria do conhecimento e com uma teoria da expressão. Entretanto, até mesmo uma filosofia drasticamente empirista sabe que a coincidência de olhar e conhecer não pode ser absoluta, porque o ser humano dispõe de outros sentidos além da visão: o ouvido, o tato, o paladar e o olfato também recebem informações que o sistema nervoso central analisa e interpreta. O vínculo da percepção visual com os estímulos captados pelos outros sentidos é um dos temas fundantes de uma fenomenologia do corpo. O olhar não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade. Mais adiante retomo essas noções, porque são eles que fazem a ponte entre uma teoria perceptual e uma teoria expressiva do olhar. (BOSI, 1988, p.66)

Neste sentido, expomos o principal objetivo desta reflexão, ancorado na possibilidade de uma educação visual, pela via do Olhar. Um Olhar marcado por um caráter subjetivo, um Olhar que, como bem Santo Agostinho celebrava platonicamente, como um dos mais espirituais dos sentidos. Também neste esforço, destacamos o pensamento de Bosi (1988), sobre o Olhar que faz florescer o sujeito do processo de construção de saber e de conhecimento. Ainda para ele, a falta do desenvolvimento pela via das Artes, deste Olhar, pode levar: “a cegueira”, diz Sócrates no Fédon, “e a perda do olho da mente”. Deste modo, a reflexão propõe na verdade uma estratégia de práticas educativas que desenvolva a abstração dos alunos, através de atividades possíveis, seja com aparelhos celulares, os smartphones, ou atividades criativas de construção de imagens mentais, abstratas, como maneira de exercitar a percepção, mesmo que não seja possível e disponível um equipamento tão de imediato, pois o que vai importar é a corporeidade do Olhar. Para Bosi (1988):

O olhar conhece sentindo (desejando ou temendo) e sente conhecendo. Está implantado na sensibilidade, na sexualidade: a sua raiz mais profunda é o

inconsciente, a sua direção é atraída pelo ímã da intersubjetividade. O olhar condensa e projeta os estados e os movimentos da alma. As vezes a expressão do olhar é tão poderosa e concentrada que vale por um ato. (BOSI, 1988, p.79)

Tais objetivos, quando bem-organizados e consignados com os alunos, levam ao sucesso da atividade bastando, assim, o ato inaugural para fazer valer ideias e imaginar de cada sujeito, único e infinito.

Uma metodologia proposicional

No curso desta reflexão acerca das práticas educativas em Artes, algumas metodologias proposicionais, do ponto de vista pelo qual elas passam a ser pensadas, são apresentadas como *ferramentas abstratas* para a construção de questões que envolvem práticas educativas. Deste modo, faz-se necessário esclarecer o que vimos propondo, já em algumas escritas, e designando como *caráter subjetivo* aplicado ao universo da Fotografia, considerando o quanto é apontado pela etimologia a palavra *caráter* derivada do grego: *charaktēr* significando: *gravação, marca sinal*. Pois bem, então existe uma *gravação* subjetiva da fotografia, uma fixação subjetiva, de qualquer modo, independente do quer que haja, haverá sempre uma produção de uma imagem a partir de quaisquer destes atos. Contudo, antes da imagem ser gravada analogicamente, a fotografia passa por um complexo e impercebível processo de aparecimento no pensamento, na mente.

O Olhar entrega para a Câmara aquilo que só o coração enxerga, ou assim deveria ser. A Fotografia aqui proposta como metodologia proposicional de trabalho para a disciplina de Artes é registrada como produto do gozo do sujeito, do seu desejo de complementar a imagem para a fotografia.

Neste esforço de compreensão, a Fotografia, segundo Machado (2015. p.13), “[...] reivindica para si o poder de duplicar o mundo com a fria neutralidade de seus procedimentos formais, sem que o operador possa jogar aí mais que um mero papel administrativo [...]”, ainda segundo o autor, e por outro ângulo, a Fotografia é, “[...] nada, senão um conjunto de arquétipos e convecções historicamente formados que permitem florescer e suportar essa vontade de colecionar simulacros ou espelhos do mundo, para lhe atribuir um poder revelar [...]” (*Ibidem*), ao que observamos, persistem nestas ressalvas tentativas de definir o que venha a ser a Fotografia, desde sua natureza reprodutiva do simples referente, bem como das possibilidades de representação de outros discursos e sentidos por parte do sujeito operador. Ao que

percebemos, o que se reproduz não é o objeto em si, assim como o que se representa na imagem captada também não é o objeto em si, ou seja, todas essas manifestações mantem em si a metáfora do espelho. Um espelho sem memória, que reproduz, contudo, por maior que seja sua fidelidade reflexiva, jamais, ele incorporará a *aura* do fenômeno real. A Fotografia também é marcada, assim como o sujeito, pela eterna falta.

Considerações finais

Pensamos existir grandes possibilidades de consignação dos estudantes às atividades baseadas no *Olhar* proposto como amparo para a disciplina de Artes, no contexto da Educação na Contemporaneidade. Essas atividades poderão se transformar, também, razão para novas aproximações dos estudantes com as demais expressões artísticas, no currículo de Artes. A transmissão de conhecimento no campo artístico depende, sobremaneira, da relação do docente com a expressão artística que deseja desenvolver. Nesta preposição, os estudantes poderão ficar em defasagem de algumas outras expressões artísticas por questão que envolva o fato elementar do professor não ter habilidades. Neste sentido, o desenvolvimento do Olhar promoverá o despertar, não apenas para as artes visuais, bem como para outras unidades de sentidos que tem no olho seu ponto de partida.

No mundo visual ao qual estamos submergidos, pensar possibilidades de desenvolvimento do Olhar será uma estratégia precisa para aguçar o senso crítico dos estudantes, despertando para questões da atualidade e, conectá-lo ao seu espaço-tempo contemporâneo histórico e social, de modo que ele não seja cooptado por questões que fragilizam os jovens e que têm livre circulação entre seus pares em suas comunidades.

Finalizando a comunicação aqui apresentada, *Um olhar por florescer: desafios nas práticas educativas em arte-educação na contemporaneidade*, ressaltamos a necessidade de combater a cegueira a qual a educação vem atravessando com as mesmas armas que a tornam fragilizada: os dispositivos e suas incorretas utilizações, da nossa pretensa modernidade.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. In NOVAES Adalto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LIMA JUNIOR. Arnaud S. de. **Educação e Contemporaneidade: Contexto e singularidade**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.